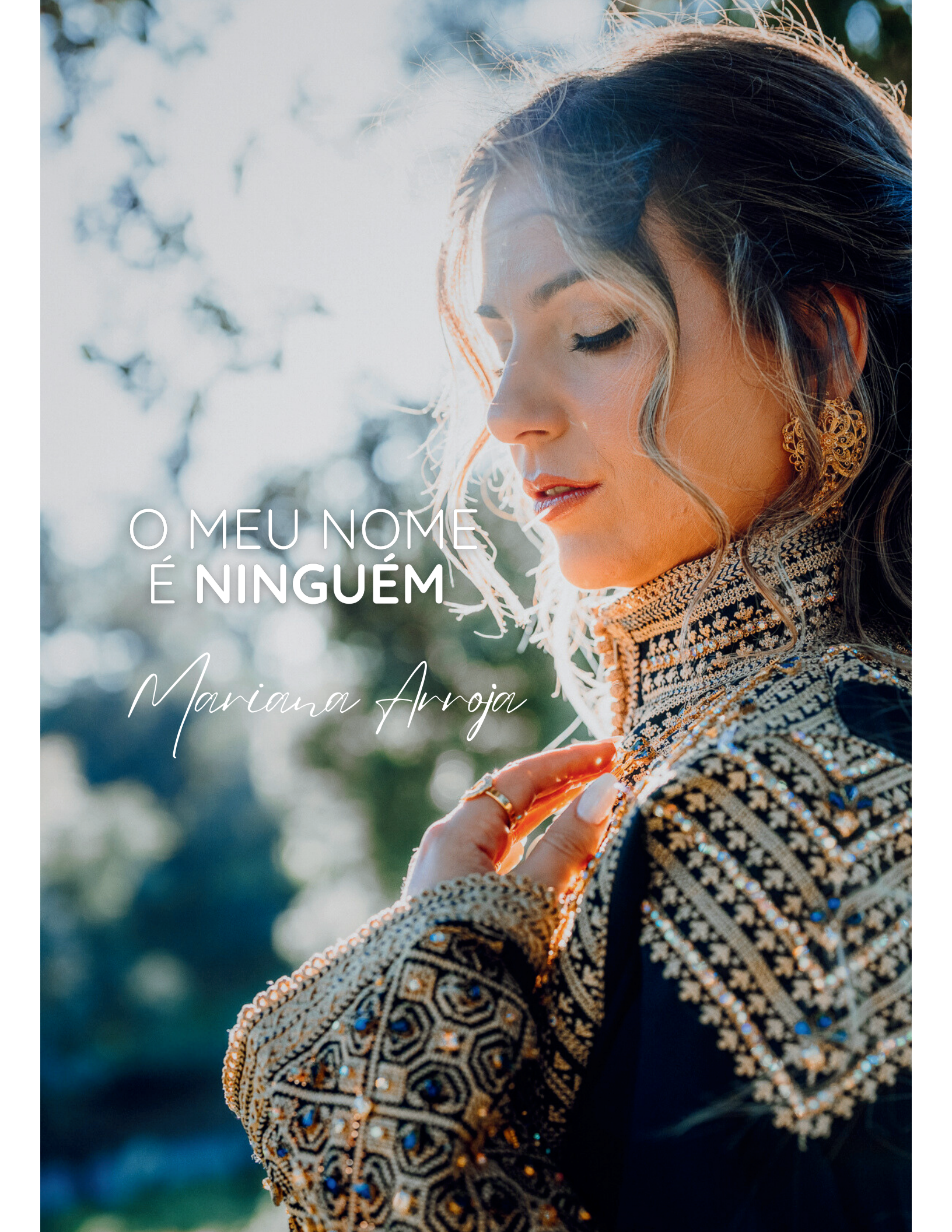


A close-up, profile shot of a woman with long, wavy hair, her eyes closed in a serene expression. She is wearing a highly detailed, traditional garment with intricate gold and blue embroidery. Her hand is visible, adorned with a gold ring, resting near her chest. The background is a soft, out-of-focus natural setting with green foliage and bright light filtering through.

O MEU NOME
É NINGUÉM

Mariana Arroja

Tracklist

1.O MEU POEMA

(MY POEM)

2.O SENTIR DO CANTADOR

(THE SINGER'S FEELING)

3.MUITO PERTO DO MAR

(VERY NEAR THE SEA)

4.A SAUDADE É COMO AREIA

(SAUDADE IS LIKE SAND)

5.LUSITANO VAGABUNDO

(WANDERING LUSITANIAN)

6.EU SOU COMO A NOITE ESCURA

(I AM LIKE THE DARK NIGHT)

7.A MARIQUINHAS VAI À FONTE

(MARIQUINHAS GOES TO THE FOUNTAIN)

8.A PEDRA DE COR MORENA

(THE STONE OF DARKER SHADE)

9.APENAS UMA VIDA ME FOI DADA

(ONLY ONE LIFE WAS GIVEN TO ME)

10.O MEU NOME É NINGUÉM

(MY NAME IS NO ONE)

11.CHAMA-SE OLINDA

(HER NAME IS OLINDA)

SONGS

MARIANA ARROJA

POETRY BY

MARIA MANUEL CID

ARRANGEMENTS AND MUSIC PRODUCTION

JOÃO JOSÉ PITA JÚNIOR

INSTRUMENTAL RECORDING

ESTÚDIO DE YAMANDU COSTA,
POR ARIEL RODRIGUEZ

VOCAL RECORDING

CALIFORNIA INSTITUTE OF THE ARTS,
POR JOSH SALGADO

MIXING AND MASTERING

ARIEL RODRIGUEZ

MUSICIANS

JOÃO JOSÉ PITA JÚNIOR - VIOLA
ANDRÉ DIAS - GUITARRA PORTUGUESA
FERNANDO DALCIN - BANDOLIM
WALTER AREIA - CONTRABAIXO

FEATURING

MANEL FERREIRA - VIOLA EM “SAUDADE É
COMO AREIA”
BEBÊ KRAMER - ACORDEÃO EM “MUITO PERTO
DO MAR” E “A PEDRA DE COR MORENA”

1. O Meu Poema

Este é o poema duma vida,
A derradeira sombra do meu ser;
A última palavra, a despedida
De quem já não tem nada que dizer.

Este é o poema do meu canto,
Que foi roseira aberta em alegria;
O pensamento casto, puro e santo,
Que murcha com as horas do meu dia.

Este é o poema do meu beijo,
O ferro da minh'alma ardendo em lume;
O canto do meu cisne que antevejo
A mergulhar as asas em perfume.

Este é o poema que te deixo,
Que podes transformar numa canção;
Palavras que juntei, onde me queixo
De ter perdido até o coração...

1. My poem

This is the poem of a life,
The final shadow of my being;
The last word, the farewell
Of one who has nothing left to say.

This is the poem of my song,
Once a rosebush blooming with joy;
A thought so chaste, pure, and holy,
That withers with the hours of my day.

This is the poem of my kiss,
The iron of my soul burning in flame;
The song of my swan, as I foresee it
Dipping its wings in perfume.

This is the poem I leave you,
That you may turn into a song;
Words I gathered, in which I grieve
For having lost even my heart...

2. O Sentir do Cantador

Dizem que o fado é saudade,
Miséria, sofrer e dor,
Mas o fado é, na verdade,
O sentir do cantador...

Em cada palavra sua,
Em cada verso cantado,
O cantador insinua
A tristeza do seu fado...

Não canta por simpatia,
Não canta para viver;
É que cantando alivia
Um pouco do seu sofrer...

Tornando tão magoado
O timbre da sua voz,
Que o fado fica gravado
Na alma de todos nós...



2. The Singer's Feeling

They say fado is longing,
Misery, sorrow, and pain,
But fado is, truly,
The singer's feeling...

In every word she speaks,
In every verse she sings,
The singer reveals
The sadness of her fado...

She doesn't sing out of cheer,
She doesn't sing to survive;
It's that by singing, she eases
A bit of her pain...

So aching becomes
The tone of her voice,
That the fado is engraved
In the soul of us all...

3. Muito Perto do Mar

Andorinha da minha janela,
Espreitando por ela
Viu-me sempre a chorar;
E triste quis roubar o meu luto
E vestir-me de enxuto,
Mas deixou-me ficar...

Traçou a rota
Muito perto do mar,
E dispôs-se a passar
O deserto sem fim...
Despiu-me esta veste já rôta
E pediu à gaivota
Que voasse por mim...

Andorinha de negro vestida,
Desse negro que em vida
Me cabia trazer...
Partiu tão alegre e risonha
Que não sei onde ponha
Minha dor a crescer...

3. *Very Near The Sea*

The swallow at my window,
Peeking through it,
Always saw me weeping;
And sadly, it tried to steal my mourning
And dress me in dryness,
But left me as I was...

It traced a route
Very near the sea,
And set out to cross
The endless desert...
It stripped off my worn-out clothes
And asked the seagull
To fly on in my place...

Swallow dressed in black,
That black which in life
I was bound to carry...
She flew off so cheerful and smiling
That I don't know where to place
My growing pain...

4. A Saudade é Como Areia

A saudade é como areia
Que a gente aperta na mão;
Só quando junta, receia
Não caber no coração.

É como chispa de amor
Que uma paixão incendeia;
Sozinha não dá calor...
A saudade é como areia.

É culto duma lembrança
De que não sei a razão...
É como vento d'esperança
Qu'a gente aperta na mão.

É melodia que soa,
Pensando que vagueia;
Só quando lembra magoa,
Só quando junta, receia.

É como a areia a verdade
Deste pequeno rifão
Pois quando muita, a saudade
Não cabe no coração.

4. Saudade is Like Sand

Saudade is like sand
That we hold in our hand;
Only when gathered do we fear
It won't fit in our heart.

It's a spark of love
That passion sets alight;
Alone it gives no warmth...
Saudade is like sand.

It's the worship of a memory
For which I know no cause...
It's a wind of hope
That we clutch in our hand.

It's a melody that rings,
Wandering in thought;
Only when remembered does it ache,
Only when gathered does it fear.

Truly, saudade is
Just like this small refrain says:
For when too much, saudade
Won't fit in the heart.





5. *Lusitano Vagabundo*

Lusitano vagabundo
Foi um pintor genial,
Pintou no quadro do mundo
O rosto de Portugal.

Marinheiro aqui nasceu,
Marinheiro quis navegar,
Enquanto a pátria cresceu
Andava no alto mar...

E do mar voltou um dia,
- Triste fim sem o saber!...
Veio ao sabor da agonia,
Só voltou para morrer...

E na praia quis ficar,
Para ali ao Deus dará;
Marinheiro olhando o mar
Que foi seu e não será...

5. *Wandering Lusitanian*

A wandering Lusitanian
Was a masterful painter,
He painted on the world's canvas
The face of Portugal.

A sailor born here,
A sailor who longed to sail,
And while the homeland grew,
He roamed the open sea...

And one day he came back from the sea,
— A sad end, unknown to him! —
He came, drifting in agony,
Returned only to die...

And he wished to remain on the shore,
Left there at God's mercy;
A sailor staring at the sea
That once was his and never will be...

6. *Eu Sou Como a Noite Escura*

Eu sou como a noite escura...
Só vendo o sol da ventura
Quando deixar de viver;
Minha alma é nuvem cinzenta
Que só desfaz a tormenta
No momento em que morrer...

Como a guitarra que chora,
Como o gemido da nora,
Que andando não tem caminho;
Meu coração não descansa
E vai batendo sem esperança
E vai chorando baixinho...

Quando deixar de cantar
Por minha voz me faltar,
Ó fado, reza por mim!
Tu tens sempre quem te queira...
Eu terei por companheira
Esta saudade sem fim...

6. *I Am Like The Dark Night*

I am like the dark night...
Only seeing the sun of joy
When I cease to live;
My soul is a gray cloud
That only lifts the storm
In the moment of death...

Like the guitar that cries,
Like the moan of the waterwheel,
That moves but has no path;
My heart finds no rest
And beats on without hope,
Weeping softly...

When I can sing no more
For lack of voice,
Oh fado, pray for me!
You'll always have someone who wants you...
But I shall only have
This endless longing...

7. A Mariquinhas Vai À Fonte

A Mariquinhas vai à fonte e não demora
Que a lua conta seus segredos ao luar;
Leva na anca sua bilha cor d'amora
E duas tranças de cabelo a saltitar...

Amor é fogo, amor é lume,
Raiva e ciúme...
Desengana o coração;
Amor é vento que sobe ao cume,
Tem o perfume
Dum cravo de São João.

Será que a sombra, de ciúmes transtornada,
A Mariquinhas, com seu manto, despenteia
Para ver a moça recolher, envergonhada,
Sempre que a lua vem beijar a sua meia...

Amor é fogo, amor é lume,
Raiva e ciúme...
Desengana o coração;
Amor é vento que sobe ao cume,
Tem o perfume
Dum cravo de São João.

Anda na boca do lugar e tem a fama
Que só de noite vai à fonte e não demora,
Pois vem o sol descansar na sua cama,
Adormecendo quase sempre à mesma hora...

7. *Mariquinhas Goes to the Fountain*

Mariquinhas goes to the fountain and won't be long
For the moon whispers secrets to the night;
She carries on her hip a mulberry-colored jug
And two braids of hair that bounce in delight...

Love is fire, love is flame,
Rage and jealousy...
It deceives the heart;
Love is wind that climbs the peak,
With the scent
Of a Saint John's carnation.

Is it the jealous shadow,
That with its cloak dishevels her,
To see the girl retreat shyly
Whenever the moon kisses her feet...

Love is fire, love is flame,
Rage and jealousy...
It deceives the heart;
Love is wind that climbs the peak,
With the scent
Of a Saint John's carnation.

They say in the village with a knowing grin
That only at night does she go to the fountain;
For the sun comes to rest in her bed,
Always falling asleep at the same hour...

8. A Pedra de Cor Morena



Quem me dera ser onda,
Onda do mar, atrevida.
Tornar macia e redonda
A rocha dura da vida.

Quem me dera ser granito,
A pedra de cor morena;
Coisa morta, sombra, mito,
Sem desgraça, amor ou pena.

Quem me dera ser esfinge,
Folha de cobre ou de prata,
A quem a dor não atinge,
A quem a morte não mata.

Mas este corpo tem alma,
Tem coração e palpita...
Revolta, desejo e calma,
O que ninguém acredita...

8. *The Stone of Darker Shade*

I wish I were a wave,
A daring wave of the sea.
To smooth and round
The harsh rock of life.

I wish I were granite,
A stone of darker shade;
A dead thing, shadow, myth,
Without sorrow, love, or pain.

I wish I were a sphinx,
A sheet of copper or silver,
Whom pain cannot reach,
Whom death cannot kill.

But this body has a soul,
It has a heart and beats...
Rebellion, desire, and calm,
Which no one believes...

9. *Apenas uma vida me foi dada*

À procura de mim passei os dias...
No fim de nada ter perdi a calma;
Busquei no meu jardim de fantasias
E o corpo que encontrei não tinha alma...

E meus sentidos cegos se lembraram
De semear, enfim, um coração;
As minhas mãos sangrando se quedaram,
Vestidas de vazio e solidão...

Eu sei que não nasci só por nascer,
Que toda a vida deve ter um fim,
Havia tanta coisa p'ra fazer...
E nada consegui fazer de mim...

O tempo que passou é-m'indif'rente,
Não posso começar outra jornada,
Mas lembro, nos meus versos, toda a gente
Qu'apenas uma vida nos foi dada...

A woman with long blonde hair, wearing a blue and white embroidered dress, stands in a garden. She is looking upwards with her hands raised. In the background, there is a stone archway with a circular opening that looks like a well or a small window. The scene is bathed in warm, golden light, suggesting late afternoon or early morning. The overall mood is contemplative and serene.

9. *Only one life was given to me*

I spent my days in search of myself...
In the end, having nothing, I lost my calm;
I searched my garden of fantasies
And the body I found had no soul...

And my blinded senses recalled
To finally plant a heart;
My hands stood still, bleeding,
Clothed in emptiness and solitude...

I know I wasn't born just to exist,
That every life must have its end,
There was so much to be done...
And I managed nothing of myself...

The time that passed means nothing to me,
I cannot start another path,
But I remember, in my verses, all those
To whom only one life was given...

10. O Meu Nome é Ninguém

Sou o barco que volta,
Sou a chuva que cai,
Sou a esp'rança, a revolta,
O direito dum ai...

Nunca tive um abraço
Nunca tive um caminho,
Ando solta no espaço
À procura de um ninho...

O meu nome é ninguém,
O meu nome não sei...
Ando fora da lei
O meu nome é ninguém...
É ninguém... é ninguém...

Sou a força que faz
Suportar o açoite,
Sou o grito da paz
No silêncio da noite...

Sou o fato rasgado,
Sou a mão calejada.
O meu sangue encarnado
Tem a cor desbotada...

O meu nome é ninguém,
O meu nome não sei...
Ando fora da lei
O meu nome é ninguém...
É ninguém... é ninguém...



10. *My Name is No One*

I'm the boat that returns,
I'm the rain that falls,
I'm the hope, the revolt,
The right to cry out...

I never had an embrace,
Never had a path,
I drift through space
Searching for a nest...

My name is no one,
My name I do not know...
I live beyond the law,
My name is no one...
No one... no one...

I am the strength that endures
The whipping wind,
I'm the cry for peace
In the silence of night...

I am the torn suit,
I am the calloused hand.
My blood is tainted,
Its color faded...

My name is no one,
My name I do not know...
I live beyond the law,
My name is no one...
No one... no one...

11. Chama-se Olinda

Madeiras em desalinho...
Na caixa, fitas e pentes...
Andava num torvelinho
Apregoando alfinetes.

Compre uma carta, freguês...
Ou então um pente fino:
Paga dois e leva três,
Faz um jeito para o menino...

Por <<estes dois>>... eu lhe juro
- São dez escudos somente! -
Que posso ler o futuro
Que vejo na sua frente...

Dê-me a mão e logo digo
Sem que me possa enganar,
Quem há-de casar consigo,
Quem por si anda a penar...

De longa saia,
Trouxa da venda,
Nasceu na raia,
Dorme na tenda.
Cara bonita
De mocetona,
Tem uma pinta
Cor d'azeitona.

Na <<seguidilha>>
Baila a preceito,
Usa mantilha,
Rosa no peito;
Chama-se Olinda,
Diz-se espanhola,
Cigana linda
Que pede esmola...

Mas a cidade é miragem
De que Olinda não gostou;
Um dia foi de viagem
E na fronteira casou...

Vende tapetes de cairo,
De feira em feira caminha,
Mas a rua do meu bairro
Não tem a graça que tinha.



11. Her Name Is Olinda

Tangled hair...
In her box, ribbons and combs...
She wandered in a whirlwind
Peddling pins and notions.

“Buy a letter, sir...
Or maybe a fine-tooth comb:
Pay for two and take three,
It’ll help your little one...”

“For just these two... I swear
— Only ten escudos! —
I can read your future,
See what lies ahead...”

“Give me your hand and I’ll tell
you,
Without ever being wrong,
Who you’ll marry,
Who pines for you with
longing...”

In her long skirt,
With her vendor’s bundle,
Born at the border,
Sleeps in a tent.

A pretty face,
Strong young woman,
With a beauty mark
Olive in color.
She dances seguidilla
With proper flair,
Wears a shawl,
A rose on her chest;
Her name is Olinda,
She claims she’s Spanish,
A lovely traveller
Who begs for alms...

But the city was a mirage
That Olinda never liked;
One day she went on a
journey
And married at the border...

She now sells Cairo rugs,
Goes from fair to fair,
But the alley in my
neighborhood
No longer holds its charm...



Mariana
Arroja

Mariana Arroja is an award-winning performer, composer, and filmmaker. With a scientific background, Mariana brings an innovative, cross-genre perspective to traditional fado. Her latest album, *O Meu Nome É Ninguém* (My Name is No One), features lyrics by renowned poet Maria Manuel Cid, and reimagines fado with a global perspective. Mariana's work has earned international recognition, including an honorary mention as Musical Artist of the Year at the Portuguese Tribune 2024 Awards. She is also known for her award-winning documentary *A Calçada Conhece-te*, which supported the UNESCO bid for Portuguese Calçada art. Currently, she is touring the U.S. and developing a new film about the life of Maria Manuel Cid and her own journey as an artist and scientist.

Stay tuned!

